

JOSÉ OLYMPIO, JOSÉ LINS DO REGO E GILBERTO FREYRE DESDE OS ANOS 1930: Uma leitura da cordialidade no modernismo brasileiro

Silvana Moreli Vicente Dias¹

Resumo: Dissensos e confrontos observáveis nos anos 1920 ganham configuração renovada a partir da década de 1930. Apontado como o período de modernização conservadora e de conciliações problemáticas, a Era Vargas (1930-1945) compreende um tempo de intensas mobilizações, de discussões e de elaboração de projetos distintos de cidadania. No campo da produção simbólica, é significativo que autores como Gilberto Freyre (1900-1987) e José Lins do Rego (1901-1957) tenham suas trajetórias consolidadas nesse período. O objetivo aqui é lançar luz sobre documentação de arquivo dos escritores e do editor de ambos, José Olympio Pereira Filho (1902-1990). Tanto cartas trocadas entre eles nos conturbados anos 1930 e 1940 quanto perfis e memórias que abordam as redes de sociabilidade do período serão discutidos neste ensaio.

Palavras-chave: Gilberto Freyre (1900-1987); José Lins do Rego (1901-1957); José Olympio (1902-1990).

Abstract: Intellectual and aesthetic disputes and dissensions of the 1920s in Brazil could present a rather different face in the 1930s. The Vargas Era (1930-1945), which is normally seen as a Brazilian paradigm of a conservative modernization and problematic conciliations, comprehends a period of mobilizations and the planning of distinct projects regarding the issue of the citizenship. In the field of symbolic production, it is significant that authors such as Gilberto Freyre (1900-1987) and José Lins do Rego (1901-1957) developed their trajectories in the period. The objective of this work is to focus on some documents of both writers, as well as on some modern texts dedicated to their editor, José Olympio Pereira Filho (1902-1990). This essay will discuss letters exchanged among them, and some pieces of memories concerning this period.

Keywords: Gilberto Freyre (1900-1987); José Lins do Rego (1901-1957); José Olympio (1902-1990).

1 José Olympio em cartas de Gilberto Freyre e José Lins do Rego: matrizes espectrais da brasilidade e prismas da sociabilidade modernista nos anos 1930

É notório que os anos 1930, no Brasil, sob a liderança política de Getúlio Vargas, se constituíram como uma espécie de cenário de profundas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. No campo político, o principal desafio foi reunir forças dispersas no país e congregá-las em favor de um projeto que reunisse anseios heterogêneos e reconfigurasse concepções e práticas alternativas à ordem oligárquica. No campo ideológico, várias correntes faziam-se presentes e negociavam, direta ou indiretamente, a participação em um planejamento centralizador sob a égide da Nação.²

Matrizes espectrais da brasilidade teriam terreno fértil para se desenvolverem em uma sociedade que buscava caminhos alternativos de desenvolvimento, que pudesse fazer frente à condição de economia agroexportadora dependente do mercado externo. Seria, portanto, uma

tentativa de inverter a lógica centro-periferia, que poderia fadar o Brasil ao atraso e à pobreza. Nesse sentido, poderiam traçar-se as “raízes” de uma nacionalidade nascida dessa condição subalterna como suficientemente ativas para oferecerem lições culturais e estéticas para um Brasil urbano-industrial emergente.

No campo editorial, a trajetória de José Olympio Pereira Filho (1902-1990) sintetiza bem as complexas energias, em movimento duplo, de renovação e de mergulho na tradição que permearam esse período. Novas oportunidades econômicas surgiram no mercado editorial, na esteira da conjuntura desfavorável para a presença do livro importado no país, logo após a crise de 1929. O editor não só catalisou bem as condições propícias, como também conseguiu traduzir, no catálogo diversificado da editora, os diferentes espectros modernos da brasilidade em gestação. Na Casa Garraux (onde começou sua trajetória ascendente como humilde empregado), em São Paulo, José Olympio conheceu vários intelectuais modernistas na década de 1920. Em 1931, adquiriu o acervo de Alfredo Pujol. Vendendo livros, conseguiu juntar dinheiro para iniciar o negócio que se tornaria a Livraria e Editora José Olympio, que publicou, dentre outros, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.³ A Livraria, ademais, se tornaria um importante espaço para encontro de intelectuais, escritores e artistas modernistas vindos de diversas partes do Brasil, sobretudo ao longo das décadas de 1930 e 1940. Títulos como *José Olympio: o descobridor de escritores*, de Antonio Carlos Villaça, *Rua do Ouvidor 110*, da neta de José Olympio Lucila Soares, e *José Olympio: o editor e sua casa*, de José Mário Pereira, oferecem testemunhos da forte presença da editora como ponto de encontro da intelectualidade carioca e brasileira.

Gilberto Freyre e José Lins do Rego não só foram editados pela José Olympio, mas se tornaram amigos próximos de seu editor. Embora se possa levantar a hipótese de que ali se teria atualizado um exemplo vivo da máxima que afirma que “O favor é a nossa mediação quase universal”⁴, na verdade, é como se enxergássemos um movimento especular, em sentido inverso: a amizade brotou da confiança na possibilidade de se honrarem, sempre, os compromissos assumidos segundo mecanismos estritamente contratuais. Embora não se possa negar que um conjunto de símbolos de um universo patriarcal tenha sido dinamizado pelos agentes da sociabilidade em torno da José Olympio, ao longo das décadas seguintes, é inegável que a primeira conquista tenha se dado no âmbito de relações reguladas por mecanismos contratuais.

Nesse sentido, José Lins do Rego foi talvez a aposta mais arrojada da recém-fundada editora. Em carta, José Lins relata ao amigo Freyre o contato com o jovem editor (vale

esclarecer que ambos, Freyre e Lins, se aproximaram em 1923, quando o sociólogo retornara, de longo período no exterior, para o Recife e o futuro romancista concluía seu curso de Direito na tradicional Faculdade de Direito do Recife). Leia-se como se deu esse contato inaugural com o editor paulista, nas palavras de José Lins:

Caro Gilberto,

Há muito que lhe escrevi e você não mandou nenhuma resposta. Fiquei pensando em que você estivesse aborrecido comigo. Olívio, porém me escreveu, mandando um abraço de sua parte. Fiquei contente. Não sei porque sempre estou a pensar em que você não gosta mais de mim. E o álbum? Tive notícias daí sobre o seu segundo livro. Olívio me mandou falar numa proposta de um editor. Vendi ao José Olympio de São Paulo uma segunda edição do *Menino de Engenho*. Edição de 5.000 exemplares. Pego com isto 2:500\$. Yan foi quem me aproximou do tal editor. Pagamento na ocasião da publicação do livro. Se fosse com o seu livro, ao preço de 20 mil réis, seriam 10 contos. Se você me autoriza escrevo para São Paulo sobre isto. O mesmo editor me propôs uma edição de 10 mil exemplares do meu livro *Banguê*⁵. Fechei negócio. Este José Olympio é quem editou o livro de Humberto de Campos *Memórias*. É um sujeito rico. É amigo do Yan de Almeida Prado.⁶

Por essa carta, sem datação, é possível destacar um fato pouco mencionado pela historiografia literária: a figura de José Lins do Rego sobressaiu-se como agente articulador decisivo entre artistas e intelectuais do Norte e o mercado editorial do Sul.⁷ Quando foi lançado em 1932, *Menino de engenho* alcançou uma grande recepção para a época, no lastro de uma corrente crítica extremamente favorável à novidade literária, a qual combinava interesse documental e vertente autobiográfica. Yan de Almeida Prado,^{8,9} que seria anos depois uma espécie de pivô de polêmicas que propunham reavaliações do modernismo paulista, foi um entusiasta de primeira hora da literatura de José Lins. José Lins, por sua vez, já era um conhecido ensaísta e crítico literário entre seus colegas do Norte. Quando se lançou à escrita de um romance, foi recebido com certo alvoroço e logo despertou a atenção de José Olympio, que tinha o projeto de lançar sua própria editora. Duas grandes apostas do editor de Batatais seriam Humberto de Campos (1886-1934), autor *best-seller* falecido precocemente, já conhecido do público, e justamente José Lins, a grande novidade do período.

Entretanto, o que poderia ter ficado circunscrito no terreno das apostas exclusivamente comerciais, na verdade, inaugurou uma estreita relação entre editor e editado. Essa afinidade, por sua vez, reverberou na produção literária, nas relações afetivas e na composição de um espaço de sociabilidade que congregou diversos prismas ideológicos sob o emblema híbrido da brasilidade, situado numa difícil (e móvel) intersecção entre modernidade e tradição.

Pelas cartas de José Lins a Gilberto Freyre, percebemos que, de fato, o romancista parece ter se lançado na difícil missão de retribuir aquela que provavelmente foi a maior – e mais imponderada – aposta de um editor em início de carreira.¹⁰ As cartas trocadas entre os amigos mostram como a aproximação do grupo de intelectuais nordestinos com José Olympio foi uma conquista com pausas, avanços lentos, estratégias não tão articuladas que, ao final, se mostraram eficazes ao estabelecer, primeiramente, um espaço de afinidades que contribuiu para solidificar parcerias de trabalho duradouras. Estudioso da inserção da editora José Olympio na gênese do mercado editorial brasileiro, Gustavo Sorá confirma que a vanguarda paulista pouco participou desse processo num primeiro momento: “Um caso paradigmático é o de Mário de Andrade, cujos livros saíram todos por selos diferentes”.¹¹

Para a consolidação de uma literatura moderna, voltada para temas de interesse nacional, que se tornou paradigmática dos anos 1930, a dinâmica da troca de correspondência foi fundamental. Por essa missiva de José Lins a Gilberto Freyre, vemos que uma rede vai sendo cuidadosamente arquitetada, inicialmente estreitando espaços como São Paulo (onde as bases da editora se lançaram) e Maceió (onde José Lins residiu entre 1926 e 1935). Outros vão se somando, tais como Pernambuco e Rio de Janeiro. A carta tanto é veículo e ponto seguro para essa negociação quanto também se constitui como espaço de conversação, de aproximação, de encenação de uma amizade seminal que passaria a traduzir as linhas gerais do universo da troca simbólica do período.

Nesse processo, há um paradoxo significativo que a leitura cruzada das cartas permite enxergar no movimento dos bastidores da criação literária: fazendo largo uso de conceitos como “amizade” e outros ligados ao universo patriarcal, na verdade o que vemos é uma rede montada com talentos cujos alicerces formativos são verificáveis já na década de 1920, contrapondo-se ao discurso vanguardista que tinha sido a grande novidade estética do período pós-Semana de Arte Moderna. De resto, assim como o ápice do prestígio da literatura regionalista ocorreria no Estado Novo, pressupostos de avanço econômico e de desenvolvimento social também se confirmaram durante esse período problemático do ponto de vista de reconhecimento de direitos civis e políticos. Nesse espaço, o mercado livreiro se consolidou aos poucos, aproveitando bem as oportunidades nascentes. Ou seja, circunstâncias favoráveis que se notam na era Vargas e com a crise mundial de 1929 são aproveitadas por novos agentes do mercado editorial, como José Olympio. E este se interessa por catapultar uma literatura vinda de diferentes regiões do país, voltada sobretudo (mas não só, ressalte-se) para a análise de tipo documental e para a crítica social, que vinha chamando a atenção do público geral.

A José Olympio conseguiu traduzir, por seu catálogo, diversos projetos em disputa no período, inclusive o oficial. Reverberam, por exemplo, na nova literatura de tendência regional, os anseios e as perguntas de um país que queria se modernizar, mas encarando suas contradições, duvidando da produtividade de rupturas abruptas – para fazer jus a linhas de leitura que apontam para uma aversão do brasileiro pela desordem.¹² Nesse sentido, escritores como José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz – todos chamados de comunistas, apesar de nem todos terem participado da política partidária à esquerda, como Freyre – passam a ser grandes chamarizes de venda e de prestígio – dois itens normalmente de difícil conciliação. A situação ímpar de José Olympio pode ser verificada também pelo fato de que não publicou apenas escritores supostamente de esquerda, mas também integralistas e, finalmente, nos anos do Estado Novo, abraçou, ainda que involuntariamente, estratégias de propaganda do regime, editando, por exemplo, Getúlio Vargas e Lourival Fontes.¹³ Por exemplo, em resposta a José Olympio, Lourival Fontes, em carta, dá a entender que havia uma rede de distribuição que beneficiava concomitantemente a consolidação da editora e a propaganda nacional e internacional de Vargas:

Recebi sua carta e você há de compreender que eu faria tudo para o atender. Mas as dificuldades orçamentárias no DIP, nesse momento, são inumeráveis e não dão margem a qualquer nova despesa... É esta a maior razão, por si só definitiva, que me impede de fazer aquisição dos livros que você editou e de que o regime se tem tanto beneficiado.¹⁴

A montagem do catálogo e da lista de colaboradores de José Olympio, nessa “longa década” de 1930, é facilitada pelo empenho pessoal de escritores como José Lins do Rego. Assim como, na carta anterior, observamos José Lins mencionar Santa Rosa – que seria, posteriormente, um grande ilustrador da Ed. José Olympio –, aos poucos, o escritor apresenta seus amigos ao destemido José Olympio:

[...] Está morando aqui em Maceió a Raquel de Queiroz. Está ela escrevendo um livro (romance) e já tem pronta uma tradução de *Edouard VII*, de Maurois. A tradução é ótima. Você quer editar esta tradução? Tem mais de trezentas páginas. Responda-me.¹⁵

Sorá reproduz não só esta carta, mas também a missiva em que Rachel de Queiroz, de Maceió, se apresenta para José Olympio, falando tanto sobre o seu romance quanto sobre a tradução de *Edouard VII et son temps* em curso.¹⁶ Na trilha do antropólogo, podemos dizer que, nos tempos conturbados de 1935 (quando essa carta foi escrita), seria difícil falar em

cooptação mútua. As primeiras ações de José Olympio como editor, em verdade, surtiram o efeito de multiplicar sua imagem positiva, que, aos poucos, se combinou com elementos significativos de relações pautadas pela tradição, com semas definidores de traços que apontam para lealdade e proteção. De fato, sua postura foi primeiramente de empresário avançado para o Brasil, que não tinha marcos regulatórios claros para o mercado livreiro. Veja-se, por exemplo, a contratação de Plínio Doyle para se responsabilizar, dentre outras coisas, pela legalidade dos contratos, com pagamento regular – muitas vezes antecipado – de direitos autorais. Portanto, não se tratava de uma empresa articulada segundo moldes exclusivamente racionais, nem de uma instituição sedimentada em laços pessoais; mas a precedência do compromisso com relação ao negócio é evidente. Portanto, a complexa combinação de ambos, negócio e amizade, foi definidora para os rumos da literatura publicada no Brasil do século XX, e a correspondência entre os escritores do período demonstram a efetividade de um pausado processo de conquista e maturação com relação ao primeiro para que o segundo fosse alcançado.

A imagem de José Lins do Rego, nesse contexto, não ressoa como mero intuitivo (tal como a historiografia literária costuma apontar, na trilha de sua poética explícita).¹⁷ A precedência de uma visão peculiar de oportunidade de mercado é clara. Sem querer analisar o contato entre José Lins e José Olympio do ponto de vista de uma dinâmica de recompensas, o fato é que houve uma convergência de cenário favorável, ímpeto, vislumbre de um projeto, ação articuladora e afinidade pessoal, culminando com o estabelecimento de um dos selos editoriais mais prestigiosos do Brasil moderno. E as cartas dão o testemunho de idas e vindas nos bastidores, os avanços e retrocessos dessa articulação, como pano de fundo para o desenrolar de ações que se refletiriam, de modo definitivo, na trajetória de sujeitos individuais:

Meu querido Lins,

[Recebi] sua carta com a notícia de que você vai mesmo embora para o Rio. Deu-me uma grande tristeza—aliás, sem razão, porque você em Alagoas é o mesmo que você no Rio—em certo sentido, ainda mais distante e separado. Infelizmente não se pode realizar o desejo, mais meu do que seu de, chegarmos a morar no mesmo Recife, como naqueles dois ou três anos que passaram tão depressa, deixando tanta saudade. A vida é assim, como diz a cantiga carioca. Viu como este ano a cantiga carioca abafou tudo, vindo vencer os pernambucanos no seu próprio reduto (por pernambucanos, entenda-se também a zona colonial que fica em redor do Recife)? Foi uma vitória bonita para os cariocas. Continuo doente, sem poder trabalhar e num mau humor horrível, mas que sempre comigo reprimi um pouco. Quando parece que vou ficando bom—doença. E é quando se vê quanto a medicina sabe pouco. Tenho feito uma variedade de experiências sem resultado. Hoje

vou tentar outra com Arthur de Sá. Escreva ao Zé Olympio que só passada esta fase de doença e mal-estar, terei alguma paz para pensar na proposta dele.¹⁸

A “vitória dos cariocas”, que seduziam os amigos de Freyre oriundos da zona colonial ao redor do Recife, na verdade se mostra como uma afinação, bem sedimentada, entre agentes espalhados pelo território nacional. O apuramento dessa relação acontece após a mudança, em definitivo, de vários escritores e intelectuais para o Rio de Janeiro, tais como José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. As decisões não são repentinas, como bem mostra a postura de Freyre nessa melancólica carta. Após a decepção com o editor Augusto Frederico Schmidt (quando, bastante jovem, Schmidt foi à falência após lançar grandes nomes da literatura nacional, dentre eles o próprio Freyre, que sofreria ainda com uma edição não autorizada de seu primeiro livro), o sociólogo faz uma passagem bem articulada para a José Olympio, que lançou a primeira edição de seu livro *Nordeste*, de 1937, e o contratou para dirigir a prestigiosa coleção “Documentos Brasileiros”, que publicaria *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda em seu primeiro número. Foi o começo de uma longa e sólida relação de trabalho e de amizade.¹⁹

Nesse sentido, o papel desempenhado por José Lins como mediador entre Gilberto Freyre e José Olympio nunca cessaria. Ao contrário, José Lins, aos poucos, não só se responsabilizou pela entrega de originais, mas também por indicar os desejos de seu amigo na negociação de contratos, por depositar valores correspondentes a direitos autorais devidos por seus trabalhos na imprensa carioca, por recolher críticas etc. Veja-se a seguinte carta de Freyre a José Lins, com datação “Recife, 10 de julho de 1935”:

[...] Ando com muita indisposição para escrever carta. A doença, da qual pareço ter escapado afinal, deixou-me muito nervoso. Vão umas fotografias, tiradas por Sylvio Rabello. Uma para você seguiu já pelo Correio, para a Livraria José Olympio. Essas que vão agora você com vagar, sem precisar ir pessoalmente às pessoas, entregará aos vários amigos. Li o seu livro. Não gostei do título. Mas o romance está cheio de páginas interessantes e fortes. Outras, um tanto intencionais, segundo me pareceu. Estou com uns originais de Julio Bello—*Senhor de Engenho*—memórias—com muita reminiscência boa de vida de engenho, que talvez lhe mande, para você ver se interessa ao Zé Olympio ou a outro editor. Creio que é livro de se vender muito. Passe uma vista e veja se não concorda comigo. O prefácio será escrito por mim, conforme desejo de Julio. Várias páginas, trechos e até capítulo inteiros foram eliminados, creio que com vantagem. Resta uma narrativa a que não falta interesse humano. Estou sempre com Olívio, Sylvio, Cícero, Pernambucano, Anti, Tasso. Minha ida ao Rio parece que falhou, tal como a ida aos Estados Unidos, e por motivos semelhantes. Aliás não é sem certo prazer que vou ficando aqui. Lamento que você não tenha arranjado sua

transferência para o Recife. Nós pertencemos ao Recife. Você já está mais adaptado à vida aí? Tem visto Bandeira, Rodrigo, Prudente, Sérgio, essa gente? E o Octávio Tarquínio, que tem sido tão seu amigo?²⁰ Ele me dá a impressão de sincero como poucos.[...] ²¹

Um ano depois, em carta com datação “Recife, 28 de junho de 1936”, vemos que a relação de confiança, sob o manto do trabalho misturado com favores, entre José Lins e Freyre se aprofunda. José Lins passa a ser o grande representante informal dos interesses do sociólogo quando este está distante da capital federal, tarefa de responsabilidade assumida com diligência pelo romancista:

Outra carta. Fique o seu silêncio por conta de relaxamento. Depois apareça com aqueles queixumes fingidos a Olívio. Li hoje sua entrevista sobre decadência da literatura: Achei ótima. Apenas muita timidez na referência a Schmidt. [...] E fosse eu “mover ação” contra Ele como um idiota. Uma coisa: você por favor vá ao Bertrand, da Civilização, e indague dele sobre as provas do segundo volume dos Afro-Brasileiros. [...] Se a Editora está realmente interessada em fazê-lo sair. No caso contrário, podem nos devolver os originais, pois não nos causam nenhum transtorno. [...] Fale também dos Ramos para fazer o prefácio. Que não deixe de o fazer. Que não se explicaria que este volume saísse apresentado por outro que não ele, Ramos, o maior especialista em assuntos negros no Brasil. Enfim veja se dá um impulso definitivo nesses demoradíssimos *Afros*. [...] A introdução para Documentos Brasileiros está sendo passada a máquina. Diga ao Zé Olympio. Diga a ele que recebi longa carta de D. Flora, encantada com a “ressurreição de D. João VI do cemitério judeu” (do editor José Carlos Rodrigues). Está uma boa expressão. Não se esqueça dos abraçar o nosso Tarquínio. [...] Trate da nomeação de Adhemar para representante da Felipe d’Oliveira na Paraíba. E não se esqueça daquele recado para o Almir. Outra coisa: vai uma nota de Julio Bello para acrescentar no livro dele, na parte sobre os Bello. Veja, por Deus, esse livro. Eu estou mais do que envergonhado com a demora. Abraços para Naná. Beijos nas pequenas. Do

Gilberto²²

É interessante notar, nesse conjunto, como as relações pessoais, mesmo quando pautadas aparentemente pela simpatia, pela lealdade e pela afinidade intersubjetiva, não dispensam a retidão no cumprimento dos compromissos de trabalho assumidos, como lemos na seguinte carta de Gilberto Freyre a José Lins:

Hoje recebi carta sua. Mas só hoje, 4 de julho. Também carta do J. Olympio e o cheque. Ele explica que o novo negócio não é como eu compreendia: 500\$ por mês e 2% sobre cada livro da coleção. Confesso que não compreendi outra coisa e que ainda não compreendo a razão de qualquer referência ao 2% se se trata de uma simples mensalidade de 500\$. Mas não faço questão de dinheiro, como você bem sabe. Cada vez o dinheiro tem menor importância na minha vida. Não digo isso para ostentar virtude: apenas constato uma tendência mais e mais acentuada e talvez até doentia.

Vi na capa de seu livro um anúncio, da coleção a ser dirigida por mim de que não gostei. Eu não vou organizar os documentos e dizendo isto eu desprestigiaria os autores, dos estudos que deveremos publicar. Além disso saiu errado o título do meu livro—dando logo uma impressão de má revisão, impressão tão lamentável quando se trata de estudo, de coleção de estudos etc. Peça a atenção do nosso amigo José Olympio para esses pontos. Recebi carta de Gastão consultando sobre um livro de A. Rangel. Acho ótimo um livro do Rangel na coleção, mas o primeiro acho que deve ser o de Sérgio—por ser um estudo inteiro, sério e profundo sobre um só assunto e por já figurar como o primeiro na introdução que escrevi e remeto por seu intermédio^{23 24}.

Inúmeras são as cartas de Gilberto Freyre a José Lins que dão conta desses movimentos de bastidores. Fala-se de *Boletim de Ariel*, de circulação de obras como os *Guias*²⁵ de viagem de Freyre – vendidos pelo sistema de subscrição e por intermédio de amigos –, de *Correio da Manhã*, de *O Cruzeiro* etc. Vários dos números saídos pela Coleção “Documentos Brasileiros” foram comentados por Freyre em carta, inclusive para esmiuçar alguns detalhes a serem repassados ao editor. Além disso, ele se mostra como um verdadeiro negociador dos elementos editoriais supostamente periféricos do livro, como capa, contracapa e prefácio, como se nota no trecho a seguir, de carta de Freyre a José Lins com datação “Recife, 3 de junho de 1940” – na qual, inclusive, há uma apreciação perspicaz sobre o movimento de guerra na Europa e sobre a atitude considerada astuciosa de Getúlio Vargas:

O *Região e Tradição* que você vai prefaciara está pronto para editora: mas só depois que o J. O. se manifestar sobre o assunto como deve—sem me fazer favor—e não em bilhetes às pressas. Acompanho a marcha da Guerra. Um horror. Mas isso é Guerra em começo e não se limitará nem ao episódio europeu nem à forma de Guerra entre nações ou Estados, nem mesmo “raças”. Temo a falta de compreensão completa do caso, da parte de nossos dirigentes. Mas com toda a sua grave falta de contato direto com o estrangeiro, o nosso Vargas tem sua argúcia. Vamos ver. (E que não nos ouça o “romano”: do contrário pensará que estou adulando o Vargas eu, que ao contrário do “romano”, nunca quis ser deputado etc. etc.). Aliás, do que “o romano” precisa é de tratar bem dos intestinos e do fígado. E sua fita? Vimos você no *Cruzeiro* já com ar de Hollywood. Muitas lembranças a Naná e às meninas. Lembranças e abraços aos amigos. Outro abraço para você

do Gilberto.²⁶

Estreitados os vínculos pessoais entre editor e editados, num processo de lenta conquista, é interessante observar como a figura de José Olympio, tornado um empresário bem-sucedido, se enreda num sistema metafórico que o liga a uma espécie de universo da cultura tradicional. A prerrogativa do patriarca por vocação – e não de nascença – combina-se

com o que poderíamos chamar, numa tradição norte-americana, de *self-made man* – ou seja, homem de nascimento humilde e de princípios rígidos que vence com recursos próprios.²⁷ É como se o editor que ajudou a dar forma literária a diversas matrizes da brasilidade – que publicou livros seminais de interpretação do Brasil como *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Raízes do Brasil*,²⁸ assim como expoentes do Romance de 1930, tais como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, dentre outros importantes escritores do período – passasse a ser ele mesmo um exemplo vivo de como a linguagem é também capaz de forjar (ou renovar) ideias capazes de dar novo alento a antigas questões.

Tal movimento metafórico, que resulta em perfis de “patriarcalização” do editor, pode ser especialmente representativo de como certos projetos prevalecem a depender da conjuntura e do senso de oportunidade. Num mercado extremamente competitivo como era (e ainda é) o mercado livreiro e editorial no Brasil, em um país a enfrentar, até hoje, enormes desafios no terreno da universalização da educação básica, o fato é que o prestígio de José Olympio é emblemático de como marcas sociais que indicam respeito, admiração e distinção podem combinar-se com a ideia de livre concorrência e racionalidade capitalista, embora, em certo ponto, não precisem mais depender dessa para sustentar-se. Diversos perfis de José Olympio na década de 1930 e depois apontam para esse universo híbrido que combina tradição e modernidade. A linguagem, em si, ao mesmo tempo em que “inventa” mundos, pode alimentar-se de antigas imagens, como o universo metafórico que recria temas enfeixados às matrizes da brasilidade. Vejamos.

2 José Olympio por outros escritores: a imagem do patriarca “por vocação”

Significativamente, juntando-se a títulos recentes de Antonio Carlos Villaça, Lucila Soares e José Mário Pereira, que tratam de diversos temas que giram em torno da editora José Olympio, predominando, como traço comum, um tom cronístico (que conferiria *autenticidade* a um discurso proferido por sujeitos que se colocam, em certa medida, como observadores interessados ou escritores empenhados, e não simplesmente espectadores distantes daquilo que é descrito), foi lançado, em 2011, um pequeno ensaio comemorativo de autoria de Ubiratan Machado. O texto, de circulação restrita, intitulado *Oitenta anos José Olympio Editora*, com subtítulo *Moderna por tradição*, reforça algumas linhas sugeridas pelos livros acima mencionados.

Segundo Ubiratan Machado, José Olympio era um “homem cordial, discreto, generoso”. Por natureza, seria um “conciliador, esquivo a debates, inflexível em suas resoluções”. Afirma o jornalista: “Como um patriarca realizado, raramente perde o autocontrole”.²⁹ É interessante notar como essa definição de homem cordial vai sendo aos poucos esculpida ao se falar na figura de José Olympio. A implicação do termo remete diretamente a Gilberto Freyre, que o defende em *Sobrados e mucambos*.³⁰ Assim, não retoma a “cordialidade” de Sérgio Buarque, presente em *Raízes do Brasil*, editado, pela primeira vez, pelo próprio José Olympio (como número um da “Coleção Documentos Brasileiros”, dirigida pelo sociólogo pernambucano). Retomar a ideia da cordialidade seria para enfatizar, na trilha de Freyre, “a amizade”, “a simpatia”, “a disponibilidade emocional”, um traço cultural específico que ressalta a vocação para mediar conflitos, ao invés de potencializá-los. Segundo Castro Rocha, essa linha hermenêutica, desenvolvida por Freyre, sobrelevou a cordialidade presente em *Raízes do Brasil*.³¹ Embora isso tenha acontecido, é significativo, porém, que o termo é normalmente associado a Sérgio Buarque de Holanda, e não a Gilberto Freyre. O significado da cordialidade buarqueana não encontraria respaldo nos perfis sobre o editor e sua casa. Ou seja, perde-se todo o aspecto pessimista presente em *Raízes do Brasil* para restar, mostrando um poderoso efeito multiplicador de certas ideias, o conceito de “cordialidade” como contíguo à brasilidade – que ressalta as qualidades de uma sociedade mestiça, como diria Freyre. Termos como esse participam de um processo de metamorfose conceitual, subdividindo-se entre uma dominância propriamente acadêmica – em que predomina a leitura de Sérgio Buarque – e outra mais difundida, mais popular, alinhada sobretudo à interpretação de Gilberto Freyre.

Notamos, contudo, que não há uma coerência ao relacionar José Olympio a um suposto caráter brasileiro. Pelo contrário, como vimos, José Olympio seria, antes, um empreendedor, um jovem talentoso e destemido, que enxergou e aproveitou com inteligência as oportunidades nascentes no campo do mercado livreiro e editorial. Concomitantemente a uma inteligência destacável do ponto de vista empresarial, conquistou amigos e tornou-se uma unanimidade à medida que estabelecia marcos reguladores importantes de sua atividade, respeitando o aspecto propriamente comercial que primeiro o une aos seus editados. Ser reconhecido como uma espécie de patriarca bondoso, protetor, leal, conversador, mediador é uma consequência – e não um ponto de partida – a explicar o poder que emana de sua figura, central em uma rede de sociabilidade modernista, firmada na década de 1930, tendo como núcleo principal de irradiação a Casa José Olympio, como era metonimicamente chamada pelos frequentadores.

Várias são os perfis de escritores modernistas sobre José Olympio que reforçam a imagem contemporizadora do editor e de sua casa. Para José Lins do Rego:

Para tanto conseguir, José Olympio não precisou somente ser o **editor perfeito, o editor que se apaixonou pelos livros que faz: transformou-se no amigo que é o mais dedicado dos amigos que conheço.** [...] Maior do que o editor de literatura que se projetou nos centros de cultura do mundo, com a sua casa que é modelo em tudo: na seleção de valores, na honestidade do comércio, no bom gosto da matéria que trata. [...]³²

Por sua vez, para Gilberto Freyre:

[...]Mais do que isso, José Olympio é um exemplo de que a iniciativa particular pode tornar-se tão nacional, tão pública, tão esplendidamente superior ao simples interesse privado quanto um ministério ou um serviço dos que existem oficial e ostensivamente para atender às necessidades de um povo neste ou naquele sector. [...] E esse programa, traçado por José Olympio, quando ainda moço e romântico, vem sendo o de servir a Casa e à cultura brasileira, menos como uma empresa particular, ávida de lucros, que como um ministério, a serviço de um interesse ou de uma causa nacional.³³

Graciliano Ramos, na década de 1930, declarava:

Está aí um lugar onde se encontra excelente e abundante material para um romance, que poderia ser editado ali mesmo. [...] Nessa camaradagem, em que as fronteiras sociais desaparecem, misturam-se as artes, tudo se aproxima.[...] O editor é liberal. Se tem simpatia para qualquer extremidade, oculta-a. Aparentemente está no meio: aceita livros de um lado e de outro, acolhe com amizade pessoas de cores diferentes ou sem nenhuma cor.³⁴

Carlos Drummond de Andrade, em 1957, publicaria:

Por outro lado, não se tratava apenas de uma loja simpática. Era também uma editora revolucionária, que lançava com ímpeto nomes conhecidos de pouca gente ou de ninguém. [...]. José Olympio editou com o mesmo espírito autores da direita, do centro, da esquerda e do planeta Sirius, e se aos de determinado matiz tocou um papel mais saliente durante certo tempo, isto se deve à tendência da época, aos rumos da sensibilidade, tangida pelos acontecimentos mundiais. J. O. [...] criava em torno da materialidade das relações profissionais uma coisa abstrata mas imperante a que ele chamou a Casa J. O., em geral, não emprega a primeira pessoa; diz: a Casa. A Casa não pode editar um livro nessas condições, a Casa ficou gozada, a Casa está feliz... [...] A Casa continua.³⁵

Rachel de Queiroz, na década de 1960, traçaria um perfil de José Olympio sem ocultar a grande admiração pelo amigo:

Curioso esse tipo de chefe do clã e da firma, o editor José Olympio. [...] Não é um letrado [...]. Não é um capitão de indústria [...]. Não possui jornal nem estação de rádio [...]. O que eu acho que J. O. é, na sua plenitude, é um homem. Na sua integridade, na sua generosa autenticidade, primeiro e acima de tudo um homem. [...] O amigo que, no grande escritor, como no mais humilde auxiliar de balcão, sabe encontrar o traço comum de humanidade que os iguala a ambos, dando-lhes o mesmo testemunho de compreensão e fraternidade.³⁶

Jorge Amado, por sua vez, escreveu uma carta a José Olympio, lida em público por ocasião do aniversário do editor:

Eram tempos de briga e andávamos, com as colorações mais diversas, sendo presos, perseguidos, não havia dinheiro. Você procurava tirar a gente da cadeia, arranjava dinheiro, editava mesmo os mais subversivos inimigos do Estado Novo, generoso e intrépido Você e sua obra cresceram juntos com a literatura brasileira moderna, estão para sempre ligadas. [...] ³⁷

O bibliófilo José Mindlin (1914-2010), de uma geração posterior, também teceu palavras sobre esse tempo:

[...] Com sua mudança para o Rio de Janeiro, a livraria continuou funcionando lá como ponto de encontro de intelectuais, para depois transformar-se em editora. Sempre à frente da empresa, José Olympio deu conta dessa segunda aventura, publicando, com grande coragem, obras de escritores desconhecidos que depois se tornaram motivo de orgulho de nossa literatura. Nem preciso mencionar nomes, pois todos sabem que José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Guimarães Rosa faziam parte desse grupo.³⁸

Há muitos outros escritos de partícipes desse núcleo de sociabilidade em torno da José Olympio que reforçam o sentido de uma espécie de talento patriarcal que emanaria do editor. Talvez, reconhecer no homem esses atributos que o colocariam numa relação hierárquica superior seria uma maneira de suplantarem eventuais contradições que poderiam comprometer, aparentemente, a lhanza de suas decisões editoriais mais problemáticas – por exemplo, editar “comunistas” ao lado de Getúlio Vargas e Lourival Fontes – e, ao mesmo tempo, explicaria o vínculo de amizade e de admiração que reforçava uma sociabilidade pautada pela combinação de valores da esfera privada imiscuída com a esfera pública.

Ademais, vê-se que o próprio sentido da amizade entre o editor e os editados é permeado pela combinação insólita de elementos, e não se explica, pelo contrário, convoca uma leitura complexa, que coloca em dúvida a dominância de uma reciprocidade pessoal sobre a percepção de um tino comercial invejável, de um sujeito que honrava contratos e se comprometia a conquistar mercados para seus editados, sejam quais forem suas tendências ideológicas. O perfil escrito por Drummond – autor conhecido por sua lucidez, combatividade, irreverência, ironia e grande consciência acerca dos mecanismos de funcionamento da linguagem e das relações de poder na sociedade –, por ocasião da comemoração dos 70 anos de José Olympio, sintetizou as principais linhas que faziam convergir o homem José Olympio e o Brasil que sua atividade editorial ajudou, de alguma maneira, a moldar:

Grande serenidade emana de sua pessoa. E confiança. Tem alguma coisa de **patriarca** na figura repousada, nos gestos vagarosos e protetores, na calma conversa (no íntimo, uma inquieta sensibilidade, preocupada com o mundo, a família, os amigos). Completou 70 anos – toda uma vida consagrada à comunicação pelos livros – no último domingo, 10 de dezembro. É hoje nome lendário entre os criadores do progresso no país. E continua a criar. A história de sua vida, prolongada na de seus companheiros imediatos de trabalho, confunde-se com a história da cultura no Brasil. Seu nome: José Olympio Pereira, o menino de Batatais que em 1918 se apaixonou pelo livro. Ou J. O., apenas, escondido atrás de 25 milhões de livros.³⁹

3 ... as coisas simplesmente acontecem, ou acontecem simplesmente... o homem cordial nos bastidores da produção do livro nacional na década de 1930

Perguntado sobre como teria conseguido coisa “quase impossível”, ou seja, manter independência editorial – “Você editou a esquerda, a direita, o centro com uma dignidade extraordinária”, analisa o entrevistador Elias Fajardo da Fonseca –, José Olympio responde, com alguma modéstia:

Simplesmente aconteceu, pois o que nos importava era buscar os homens inteligentes para nossa Casa. O Plínio Salgado e o Jorge Amado, o Armando Salles e o José Américo, o Getúlio Vargas e o Graciliano Ramos. Em 38, quando a gente fez o livro do Getúlio Vargas, *Nova política no Brasil*, que o levou à Academia Brasileira de Letras, o Graciliano Ramos estava preso; mandamos buscar na cadeia os originais de *Angústia* e publicamos. **Simplesmente aconteceu por um destino**. Que explicações

posso dar quando isso resultou **simplesmente** do nosso comportamento? Nossa Casa, na Rua do Ouvidor, 110, era o centro cultural do país. [...] ⁴⁰

Talvez de modo mais preciso do que seu amigos modernistas foram capazes de apontar, José Olympio foi menos procurar explicações em supostas qualidades de seu caráter do que sugerir que, inserido numa conjuntura favorável, soube aproveitar bem as oportunidades de negócio que surgiram na década de 1930. Ou seja, poderia vislumbrar um projeto, mas explorou, como ninguém, as condições propícias para a consolidação do mercado editorial no Brasil. Portanto, se seguirmos o traço de suas próprias interpretações em entrevistas, sobressairia a imagem de um hábil negociador, e não a figura de um homem vocacionado para encarnar valores tradicionais de nossa brasilidade, como sugerem os perfis dos escritores modernistas, seus contemporâneos. É como se Jotaó (apelido dado por Freyre) fosse o exemplo máximo de uma concertação extremamente bem-sucedida, sendo igualmente correto observar que os próprios editados foram aos poucos sendo conquistados – dificilmente cooptados, apesar de o ganho ser de mão dupla –, sem lances mirabolantes, como demonstram as cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

Depois de José Olympio traçar breves perfis de Graciliano Ramos e José Lins do Rego em entrevista – segundo ele, este seria “um sujeito fabuloso, o oposto do Graciliano, extrovertido ao extremo” –, o editor se autodefiniu da seguinte maneira, quando perguntado, por Elias Fajardo da Fonseca, “de onde vem esse carinho que comovia os escritores todos”:

Cada um nasce como é. **Nasci para ser cordial**, numa fui um bajulador. Nunca chamei presidente da República de Excelência; almocei com Nereu Ramos, com Ademar de Barros. Só não almocei com Getúlio. ⁴¹

“Ser cordial” seria um modo de alinhar-se, portanto, à concepção de uma específica técnica da bondade, a uma “facilidade de fazer amigos”, a uma cordialidade que permitiria congrega o diferente, tanto num plano vertical – de “amacramento” hierarquizante – quanto num plano horizontal – de aproximação de elementos contíguos, de modo a fazer sobressair certa fraternidade tipicamente brasileira –, sem comprometer um princípio de coerência mínimo que validasse aspectos definidores e positivos do retrato de José Olympio:

Entrei na Casa Garraux, em São Paulo, com 15 anos de idade, devia ser mais ou menos inteligente, e essa gente foi começando a gostar de mim e eu deles. **Na vida da gente as coisas simplesmente acontecem, ou acontecem simplesmente.** A gente não faz força. Fui amigo de Mário de Andrade, de Tácito de Almeida, do Guilherme de Almeida, do Couto de Barros, do Luís Aranha, do Di Cavalcanti, de todo o movimento modernista.

Eu era um menino, tenho de 6 a 8 anos menos do que Mário e Oswald. Mas há um período na vida das pessoas que as idades se confundem.⁴²

Já Plínio Doyle, em entrevista de 24 de junho de 1997, na contramão dos amigos que não apontavam uma concepção ou uma atitude política em José Olympio, afirmou que o editor “vivia na política”. Veja-se como, para Plínio Doyle, técnica de amizade e atividade política se confundem:

José Olympio fazia amizade com todo mundo. [...] ele era muito político, vivia na política. [...] Não tinha nenhum partido em especial, não. Se ele achava que o governo estava bom, ele continuava com o governo bom. Ele queria amizade, ele queria amizade.⁴³

Por fim, é interessante observar que a interpretação da figura de José Olympio como que traçou seu destino, e não o contrário – ou seja, a linguagem vem para dar coerência a dados informes e passa a compor um universo de relações, pautadas pela concertação e pela miscibilidade, que se autorreproduzem. As relações de proximidade com os editados estreitam-se com o tempo, e a atividade cronística acompanha esse processo, a ponto de se verificar que:

Os editores e os autores, que também eram os principais selecionadores e tradutores, tratavam-se com uma linguagem de parentesco e levaram seus entrelaçamentos até o compadrio cruzado, inclusive, de muitos de seus filhos e netos. Nas relações de fraternidade mais fortes, destacavam-se José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Raquel de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade.⁴⁴

Porém, o que eu gostaria de ressaltar aqui é que, na linha do que o próprio José Olympio próprio manifestou, estaria em questão menos essências estabelecidas a priori do que perfis, trajetórias, opções editoriais, de amizade e política que foram se desenrolando no tempo, conforme as oportunidades surgiam e as decisões eram tomadas diante de um considerável espectro de opções possíveis, como os espaços móveis das cartas noticiam. Posteriormente, esses elementos passaram a ser significados, por exemplo, por meio de perfis e memórias, que procuravam articular dados informes. Foi assim, com uma inteligência extremamente seletiva do ponto de vista de individuação de boas oportunidades, que José Olympio, no decorrer de poucas décadas de atividade, conseguiu se consolidar como o principal editor do período compreendido pela liderança política de Getúlio Vargas. Tempos de conciliações problemáticas e de conflitos e antinomias aparentemente sem solução, José

Olympio, com sua casa editorial, não deixou de refletir as urgências de sua época, ao mesmo tempo em que deu voz a visões estéticas, sociais e políticas bastante diversas.

Tais leituras da trajetória de José Olympio poderiam contribuir para o reforço de uma linhagem de interpretação que aponta para a inautenticidade do nosso projeto modernizador – inautêntico porque desviante dos padrões ocidentais paradigmáticos das sociedades capitalistas e burguesas.⁴⁵ Porém, ao se combinarem inclusive com a própria autorreflexão do editor, fazem emergir o sentido seminal dos arranjos contingentes que indicam o dinamismo das configurações modernas de sociabilidade e de cidadania no Brasil, sob o manto da cordialidade – e não o seu enrijecimento. O aspecto cronístico e memorialístico em textos que aprofundam atributos simbólicos da brasilidade, reconhecendo-os em trajetórias individuais e organizando-os pela linguagem, reforça a operação incessante pela busca de novos discursos, alternativos e não intransigentes, que signifiquem uma formação nacional sempre aberta para o novo, dinâmica, em constante mutação.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

DIVISÃO territorial brasileira. LIMA, Maria Helena Palmer (Org.). Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf>. Acesso em: out. 2012.

DOUGLASS, Frederick. *Self-made men*. 1859. Disponível em: <<http://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=mfd&fileName=29/29002/29002page.db&recNum=0&itemLink=/amem/doughtml/dougFolder5.html&linkText=7>>. Acesso em: out. 2012.

FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras*. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). São Paulo: FFLCH-USP, 2006. [Tese de doutorado em História Social].

FREYRE, Gilberto. Ascensão do bacharel e do mulato. In: _____. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2003. p.710-75.

_____. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Ilustrações de Luís Jardim. Recife: Ed. do autor, 1934.

_____. *Olinda: 2. guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Ilustrações de M. Bandeira. Recife: Ed. do autor, 1939.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- HALEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: Edusp/Queiroz, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso. *Revista Brasileira de História*, v.31, n.61, p.275, 2011.
- MACHADO, Ubiratan. *80 anos José Olympio editora. Moderna por tradição*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- PEREIRA, José Mário. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das “Coleções Brasilianas”, nas décadas de 1930, 1940 e 1950. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n.26, p.56-89, 1988.
- ROCHA, João Cezar de Castro. As origens e os equívocos da cordialidade Brasileira. In: _____ (org.). *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UERJ, Topbooks, UniverCidade, 2003. p.205-219.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as Batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.
- SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma interpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. *Cidadania e modernidade no Brasil (1930-1945)*. Uma crítica de um discurso hegemônico. São Paulo: Annablume, 2011.

Notas:

¹ Programa de pós-doutorado Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo.

² Cf. LEVINE, R. M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

³ Hallowell sintetizou bem a sequência de eventos: “Convencido de que poderia vender Zé Lins, e bem, num mercado mais amplo, José Olympio resolveu tomar a incomum iniciativa de dirigir-se ao autor. Telegrafar-lhe-ia oferecendo-se para publicar uma segunda edição de Menino de engenho, de três mil exemplares, e uma edição de cinco mil exemplares de Banguê, que fora anunciado na contracapa de Doidinho como o próximo romance de Lins. Na agência do correio, o bom jogador José foi levado, no último momento, por um impulso repentino, a dobrar as cifras, para cinco mil e dez mil. ‘Você é doido mesmo’, reagiu Vera à sua tímida confissão do que acabara de fazer. Lins do Rego, ainda mais atônito, telegrafou imediatamente de Pernambuco a resposta: ‘Tomo o próximo navio’, e enviou a Gastão Cruls um pedido de desculpas por sua deserção’... Já em 1940, José Olympio declarava, em entrevista, que Lins do Rego era o único autor brasileiro vivo com vendas comparáveis

às de Humberto de Campos. Durante algum tempo chegou a conseguir o quase impossível feito de ser um autor brasileiro a viver de direitos autorais.” (HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005. p.440-442).

⁴ SCHWARZ, R. *Ao vencedor as Batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988. p.16.

⁵ *Banguê*, primeiro livro de José Lins cuja primeira edição sai pela Editora José Olympio, foi publicado em 1934.

⁶ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, sem datação. Datação estimada: 1934.

⁷ Emprego a nomenclatura “Norte” e “Sul” para recuperar uma divisão política – que carrega também significados ideológicos – que tem lastro na época dos autores. Em 1913, foi adotada uma divisão territorial, cuja base foi oferecida por Delgado de Carvalho, que seria utilizada no ensino de Geografia. Os “brasis” eram assim divididos: Setentrional, Norte-Oriental, Central, Oriental e Meridional. Os cenários preferenciais das cartas trocadas entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre – Paraíba, Pernambuco e Alagoas – ficavam na região Norte Oriental. Por sua vez, São Paulo – centro irradiador do “Futurismo” no Brasil – ficaria na região Meridional, também conhecida como Sul. Em 1938, houve nova alteração e essas regiões – com algumas mudanças – seriam chamadas de Nordeste e Sul. Em 4 de fevereiro de 1942, o *Diário Oficial da União* publicou a nova divisão oficial do Brasil: Norte, Nordeste-Occidental, Nordeste-Oriental, Leste-Setentrional, Leste-Meridional, Centro-Oeste e Sul. As regiões mencionadas nas cartas seriam englobadas por “Nordeste Oriental” e “Sul”. Rio de Janeiro é parte, conforme princípios adotados em 1942, da região Leste-Meridional. (Cf. DIVISÃO territorial brasileira. LIMA, Maria Helena Palmer (Org.). Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf>. Acesso em: out. 2012.).

⁸ Marcos Augusto Gonçalves, em seu recente *1922: a semana que não terminou*, afirma o seguinte sobre Yan de Almeida Prado: “[...] desenhista esporádico, que se tornaria historiador e bibliófilo, chegou a colaborar na revista *Klaxon*, mas se desentendeu com o grupo e se transformou num crítico obstinado da *Semana*, para ele um acontecimento sem importância, cuja notoriedade se deveu exclusivamente ao esforço promocional – que de fato existiu – de alguns de seus participantes, em especial Oswald e Mário de Andrade”. (GONÇALVES, M. A. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.45).

⁹ Em carta para José Olympio, sem datação, José Lins afirma: “Seguem os originais de *Menino de engenho*. Os de *Banguê* que estava no Rio mandei que fossem remetidos ao senhor. O *Banguê* deverá ter dedicatória a Yan de Almeida Prado e Mário Marroquim. Se lhe interessar desenhos para as capas dos dois livros, lhe lembraria o grande desenhista Santa Rosa Júnior, Catete, 200, Rio, 1. andar” (SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.139).

¹⁰ Autor que melhor situa as complexas relações por trás da feitura do livro, no contexto da Livraria e Editora José Olympio, é Gustavo Sorá, o qual observa que “José Lins saldaria sua conta com o audaz editor se conseguisse mobilizar amigos intelectuais com um nome na praça” (SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.172.).

¹¹ SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.94.

¹² Cf. o que afirma Perry Anderson em recente artigo sobre o governo Lula: “O medo da desordem e a aceitação da hierarquia, que ainda separam o Brasil da América Latina, são herança da escravidão”. (ANDERSON, P. O Brasil de Lula. *Novos Estudos CEBRAP*, n.91, p.23-52, nov.2011).

¹³ Lourival Fontes esteve à frente dos órgãos de imprensa e propaganda do governo de Getúlio Vargas, encarregados da censura à imprensa, tais como o DPDC (Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, 1934) e, depois, o DIP, quando de sua criação (Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942). Deixa o cargo em 1945.

¹⁴ Documento presente na Casa de Rui Barbosa. Arquivo Museu de Literatura. Coleção José Olympio. Apud: LUCA, T. R. de. A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso. *Revista Brasileira de História*, v.31, n.61, p.275, 2011.

¹⁵ SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.182.

¹⁶ A tradução do livro de André Maurois, levada a cabo por Rachel de Queiroz, foi efetivamente publicada em 1935, pela editora Guanabara.

¹⁷ Cf. BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p.398.

¹⁸ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, sem datação. Datação estimada: 1935.

¹⁹ É importante frisar que a “Coleção Documentos Brasileiros”, dirigida por Gilberto Freyre até 1939, quando é assumida por Otávio Tarquínio de Souza, foi uma das mais respeitadas no mercado editorial brasileiro do século XX. Seu prestígio acompanha a própria hegemonia da Editora José Olympio no mercado editorial da época. Cf.

PONTES, H. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das “Coleções Brasileiras”, nas décadas de 1930, 1940 e 1950. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n.26, p.56-89, 1988; HALEWELL, L. *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: Edusp/Queiroz, 1985; FRANZINI, F. *À sombra das palmeiras. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2006. [Tese de doutorado em História Social]; SORÁ, G. *Brasileiras. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: EDUSP; ComArte, 2010.

²⁰ Freyre menciona, na carta, Manuel Bandeira, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Tarquínio de Souza, que faziam parte do grupo de amigos de ambos no Rio de Janeiro. Com a consolidação da Livraria e Editora José Olympio no início da década de 30, os amigos também passaram a se reunir naquele espaço.

²¹ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 10 de julho de 1935”.

²² Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 28 de junho de 1936”.

²³ O livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, foi lançado em 1936 pela Ed. José Olympio, abrindo a Coleção Documentos Brasileiros; o livro de Alberto Rangel, *No rolar do tempo*, foi publicado em 1937, constituindo o n. 6 da mesma coleção.

²⁴ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 4 de julho de 1936”.

²⁵ FREYRE, G. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Ilustrações de Luís Jardim. Recife: Ed. do autor, 1934; FREYRE, G. *Olinda: 2. guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Ilustrações de M. Bandeira. Recife: Ed. do autor, 1939.

²⁶ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 3 de junho de 1940”.

²⁷ “Self-made men” é o título de um discurso de Frederick Douglass (1859), disponível na *Library of Congress*, EUA: <http://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=mfd&fileName=29/29002/29002page.db&recNum=0&itemLink=/ammem/doughtml/dougFolder5.html&linkText=7>. Acesso em: out. 2012.

²⁸ *Casa-grande & senzala* (1933) e *Sobrados e mucambos* (1936), de Freyre, passam a ser publicados pela José Olympio a partir, respectivamente, da quarta edição (em 1943) e da segunda edição (1951). Lembrando, a primeira edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, já sai pela José Olympio em 1936, em coleção dirigida por Freyre.

²⁹ MACHADO, U. *80 anos José Olympio editora. Moderna por tradição*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p.6.

³⁰ Cf. o seguinte capítulo: FREYRE, G. Ascensão do bacharel e do mulato. In: _____. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2003. p.710-75.

³¹ ROCHA, J. C. de C. As origens e os equívocos da cordialidade Brasileira. In: _____. (org.). *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UERJ, Topbooks, UniverCidade, 2003. p.205-219.

³² REGO, J. L. O meu amigo José Olympio. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.374. [*O Globo*, 11 dez. 1952. Reunido em *A casa e o homem*, Organização Simões, Rio 1954].

³³ FREYRE, Gilberto. 25 anos de atividade editorial. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.376-7. [Em *O Cruzeiro*, 16 jun. 1956].

³⁴ RAMOS, Graciliano. Livraria J. O. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.359-60. [Publicado em 1934 e reeditado em 1942 numa plaquete comemorativa dos oito anos de existência da Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, 110, no Rio de Janeiro].

³⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. A Casa. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.377. [Em *Fala, amendoeira*, José Olympio, 1957].

³⁶ QUEIROZ, Rachel de. Trinta anos de cultura e livros. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.381. [*A Cigarra*, Rio, fev. 1962].

³⁷ AMADO, Jorge. Carta para J.O. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.384. [Publicada em artigo de Leonardo Arroyo na *Gazeta de Petrópolis*, 19 fev. 1963].

³⁸ MINDLIN, José. Sobre José Olympio. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.408. [São Paulo, 1º de novembro de 2002].

³⁹ ANDRADE, Carlos Drummond. História de um homem. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.394. [*Jornal do Brasil*, 12 dez. 1972].

⁴⁰ FONSECA, Elias Fajardo. Entrevista com J. O. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.400-1. [Entrevista publicada na *Revista do Brasil*, ano 1, n.4, 1984].

⁴¹ FONSECA, Elias Fajardo da. Entrevista com J. O. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.401.

⁴² FONSECA, Elias Fajardo da. Entrevista com J. O. In: PEREIRA, J. M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.402.

⁴³ DOYLE, Plínio apud SORÁ, G. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.227. [Entrevista de 24 jun. 1997].

⁴⁴ SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010. p.264-5.

⁴⁵ Para uma crítica da “sociologia da inautenticidade”, cf. SOUZA, J. *A modernização seletiva: uma interpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 2000; e TAVOLARO, S. B. de F. *Cidadania e modernidade no Brasil (1930-1945)*. Uma crítica de um discurso hegemônico. São Paulo: Annablume, 2011.